

## **CAMINHOS PARA DESCOLONIZAR A PRÁTICA MISSIONÁRIA DA IGREJA AFRICANA**

**Jesus Coragem Abel**

Mestrando em Missiologia no Seminário Teológico Baptista no Huambo, Angola, África. ORCID:  
0009-0009-8212-9839

## CAMINHOS PARA DESCOLONIZAR A PRÁTICA MISSIONÁRIA DA IGREJA AFRICANA

### Resumo

Nos últimos anos, a igreja angolana tem sido alvo de fortes acusações por parte de muitos nativos. Ela é apontada como uma instituição que foi conivente no processo da colonização ambiciosa e uma das grandes responsáveis pela perda identitária e abandono de muitas práticas culturais locais. Segundo os seus acusadores, a igreja africana serviu de depositária da teologia ocidental que moldou a vida dos nacionais aos padrões europeus. O presente artigo reconhece que o modelo missionário da igreja africana é de matriz ocidental, e foi implantado no contexto da colonização em que a valorização da cultura do colonizador era superestimada em detrimento da cultura local. E, para compreender a colonização de África, faz-se uma breve retrospectiva histórica que evidencia os motivos da colonização e a sedimentação da visão ocidental em relação ao povo e a cultura africana. O autor defende que o genuíno evangelho de Cristo respeita todas as culturas, e ao invés de deformá-las, ele as transforma e purifica. Nos tempos atuais algumas igrejas africanas entendem que há uma necessidade da busca por alternativas de um novo paradigma teológico-missionário que respeita e valoriza a cultura local e que procura responder às perguntas do seu entorno. A igreja africana é, portanto, desafiada a colocar a Bíblia e a cultura local em diálogo para desenvolver uma prática missionária relevante em seu contexto.

**Palavras-Chave:** Descolonização, cultura local; prática missionária; modelo missionário; Igreja Africana.

### Abstract

In recent years, the African church has been the target of strong accusations from many natives. It is identified as an institution that was complicit in the colonization process and one of those largely responsible for the loss of identity and abandonment of many local cultural practices. According to its accusers, the African church served as the repository of Western theology that shaped the lives of natives to European standards. This article recognizes that the missionary model of the African church is still Western in origin, and was implemented in a context of colonization in which the value of the colonizer's culture was overestimated to the detriment of local culture. And, to understand the colonization of Africa, a brief historical retrospective is made that highlights the reasons for colonization and the sedimentation of the Western vision in relation to the African people and culture. The author argues that the genuine gospel of Christ respects all cultures, and instead of deforming them, it transforms and purifies them. Nowadays, some African churches understand that there is a need to search for alternatives for a new theological-missionary model that respects and values the local culture and that responds to the questions of those around them. The African church is therefore challenged to put the Bible and local culture in dialogue to develop a missionary practice relevant to its context.

**Keywords:** Decolonization; missionary practice; missionary model; African Church.

## Introdução

Nos últimos anos, a Igreja africana tem sido alvo de fortes acusações por parte de muitos nativos. Ela é apontada como uma instituição que foi conivente com o processo predatório cultural da colonização e uma das grandes responsáveis pela perda identitária e abandono de muitas práticas culturais locais. Segundo os seus acusadores, a igreja africana serviu de depositária da teologia ocidental que moldou a vida dos nativos aos padrões europeus. [MOU1] Essas acusações, têm gerado uma espécie de aversão ao cristianismo por parte dos nativos, pois, o quadro e a tônica do discurso que se tem difundido a respeito dele, é que o cristianismo é uma religião má e destruidora das culturas.

Nos tempos hodiernos o modelo teológico ocidental apresenta-se no auge da exaustão, por não estar a responder satisfatoriamente as problemáticas socioculturais locais, imperando assim, a necessidade da busca por alternativas de um novo paradigma missionário local. Porque nenhuma prática missionária poderá ser relevante a menos que seja sensível às necessidades do seu contexto, isto é, que dê respostas aos desafios locais. E o evangelho bíblico responde as necessidades temporais e eternas, mas ele é também o purificador da cultura. O contexto atual exige da igreja africana um posicionamento que respeita e valoriza a sua cultura. Portanto, traz-se à discussão a busca por caminhos alternativos para a descolonização da prática missionária da igreja africana de modos a dar respostas bíblicas e satisfatórias aos desafios locais e ao mesmo tempo mitigar os efeitos negativos da colonização de que ela tem sido alvo.

## O CONTRIBUTO DAS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS NO PERÍODO COLONIAL

Antes que se diga qualquer coisa, é de suma importância reconhecer que a presença das agências missionárias evangélicas durante o período colonial redundou em grandes contributos nos países da África negra, na criação de infraestruturas e disposição de serviços sociais, mas sobretudo, no âmbito da escrita e da clareza do evangelho. Os códigos escritos não eram comuns na África subsaariana cuja transmissão dos conhecimentos era feito através da tradição oral.

Na África negra, a tradição oral não é apenas fonte principal de comunicação cultural. É uma cultura própria e autêntica porque abarca todos os aspectos da vida e fixou no tempo as respostas às interrogações dos homens. Relata, descreve, ensina e discorre sobre a vida [...]. [1]

Essa dificuldade de fontes escritas das comunidade africanas é também observada por Caregnato, segundo o qual,

[...] ao realizar uma análise das comunidades étnicas que compõem o continente africano, anterior ao período da dominação colonial europeia, deparamo-nos com uma dificuldade evidente: a raridade de fontes escritas. Isso ocorre pelo fato de essas comunidades não terem desenvolvido sistemas grafais, sendo necessária uma análise acerca de suas tradições orais e, mais especificamente, dos relatos e textos escritos deixados pelos europeus, em sua maioria religiosos, que registraram suas impressões sobre o que encontraram na África. [2]

---

[1] ALTUNA, P. R. R. D. A. **Cultura Tradicional Banto**. 2ª. ed. Luanda: [s.n.], 1993.

[2] CAREGNATO, Lucas. **Em Terras do Ngola e do Manikongo**: descrição dos reinos do kongo e ndongo no século XV. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, Julho 2011. p. 3-4.

Importa realçar que o texto acima espelha em parte um facto histórico no contexto da África negra ou subsariana, pois que, no que concerne à realidade do Norte de África ou África branca, Oden (2022) assinala não só a existência dos sistemas grafais mas também da tradição oral. Porém, lamentavelmente, essa particularidade da tradição oral na África subsariana levou muitos ocidentais a concluírem que a África negra era um continente sem educação e história, e confundiram a ausência de sistemas grafais[3] com a ausência de cultura e presença de carências metafísicas. Mas como diz Altuna (1993, p. 32), “a África não possui escrita, mas isso não impede que conserve um passado e que os seus conhecimentos e cultura sejam transmitidos e conhecidos”. Aliás, ele também caracteriza os povos ágrafos como sendo povos de extraordinária memória e reconhece a prodigiosa memória negra.

Portanto, os negros “conhecem milhares de contos, provérbios, lendas e mitos. Fixam as listas genealógicas, migrações, epopeias e guerras. Nunca esquecem os usos, ritos, crenças e costumes.” [4]

Faltou por parte dos europeus, entender que o africano sabe o que fala mesmo que não escreva o que sabe. Ele regista na memória antes de registar no papel. Por que existe uma diferença entre o saber e a escrita.

A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber. O saber é uma luz para o homem. É a herança de tudo aquilo que os antepassados conheceram e transmitiram em germen, à maneira do baobá que em potência se encontra já na semente. [5]

---

[3] Altuna evidencia que pese embora a grande maioria da África subsaariana não tenha desenvolvido os sistemas grafais, alguns grupos como os Mandingo, Dogão, Bambara e Bozo usaram expressões gráficas.

[4] ALTUNA, 1993, p. 34.

[5] HAMPATE, 1975, p.88 apud ALTUNA, 1993, p. 32

Portanto, o desenvolvimento da escrita em grande parte da África subsaariana deveu-se ao contacto dos colonizadores com os povos africanos. E as agências missionárias tiveram um papel preponderante no quesito da alfabetização dos povos africanos.

Por outro lado, um outro contributo das agências missionárias está diretamente relacionado com a clareza da mensagem do evangelho. Sabe-se que, apesar de o povo africano na sua cosmovisão ser monoteísta e admitir a existência de um Deus soberano e criador de todas as coisas, na África subsaariana não havia muita clareza sobre a Pessoa e o sacrifício de Jesus Cristo em prol da humanidade. Essa mensagem veio a ser bem enfatizada pelas agências missionárias levando milhares de africanos à conversão ao cristianismo. Muito poderia ser dito sobre o contributo das agências missionárias europeias em solo africano, entretanto, limitamo-nos destacando esses dois factos históricos, a saber: o desenvolvimento da escrita e a ênfase na pessoa de Jesus como o redentor da humanidade.

E, se por um lado temos os contributos das agências missionárias em África na era colonial, por outro lado temos algumas práticas negativas que os povos ocidentais trouxeram e praticaram nesse continente, a exemplo da colonização, o tráfico de escravos, a expropriação das terras dos autóctones, a perda identitária e a deturpação da cultura local, só para citar alguns. Mas é necessário que se fale um pouco do processo da colonização para entendermos o modelo missionário atual da maioria das igrejas africanas.

## A COLONIZAÇÃO DE ÁFRICA E O IMAGINÁRIO OCIDENTAL

Tem se dito, que a colonização da África subsaariana terá sido das piores colonizações não só pelo tempo de duração - perdurou por quase 5 séculos - mas também pela forma como esse povo foi colonizado. E, uma das questões que nos pode ajudar a compreender o processo da colonização de África é saber quais foram os motivos que estariam na base de tal colonização.

A visão que se tem de um povo determina como ele será tratado. Com relação aos africanos, os ocidentais tinham o conceito de que África era um continente perdido e sem cultura, e portanto, precisava ser evangelizado e civilizado, e nessa senda, a exploração encontrou uma oportunidade. Como diz Oliva [6], os historiadores são “aqueles que têm por ofício lembrar o que todos esqueceram.” Por isso, precisamos fazer um curto, porém, necessário exercício de trazer à memória alguns factos históricos, não com objetivo de fazer renascer alguma raiz de amargura ou vivificar um passado doloroso e deprimente, pelo contrário, nossa perspectiva é simplesmente analisar como as nossas ideias determinam as ações que vamos adotando no nosso quotidiano.

Os motivos da colonização da maioria dos países de África encontram várias explicações, que vão desde concepções e narrativas exacerbadas de uma África depreciada e sombria, como apresentada em muitos dos livros de historiadores e etnólogos ocidentais, até a errôneas interpretações bíblicas. A grande maioria dos escritos sobre África, compilados pelas potências colonizadoras estão mais amplamente relacionadas com o “imaginário dos seus autores do que com as realidades do mundo negro.” [7]

---

[6] OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história da África em perspectiva**. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 - nº 16, Junho de 2004. p. 10.

[7] TEODORO, apud CORREIA, 2012, p.14.

Essa concepção deturpada de África também influenciou muitos missionários a criarem imagens de África como um lugar no qual os seus habitantes precisavam ser evangelizados para se tornarem “civilizados”. Oliva [8], destaca que quando os missionários chegaram em Angola, “os trabalhos desses homens foram marcados pela convicção de que a Europa era uma civilização infinitamente superior.” Por isso, eles pouco queriam saber, de facto, quem eram os africanos e o porquê do seu jeito de ser, pelo contrário, eles determinaram quem o povo deveria ser e o que deveria fazer, e julgaram as suas práticas culturais sem saber o seu real significado.

Para sabermos como funciona uma cultura, não basta fazermos uma descrição do que observamos do comportamento humano naquela sociedade. É necessário que entendamos o porquê dos acontecimentos – a lógica da cultura [9]

Conforme foi dito, uma das razões que reforçou a imagem negativa de África diante do ocidente foram as imprecisões de algumas obras escritas por europeus. Segundo Correia [10], os trabalhos elaborados a respeito da história de África surgidos nas décadas de 1930 e 1950 foram feitos em grande parte por antropólogos ou etnólogos que ainda não tinham um treinamento adequado em história africana. Isso os induziu, muitas vezes, a considerar as sociedades africanas como estáticas ou exóticas, sem apresentar, necessariamente, uma abordagem histórica das mesmas.

[...] o imaginário dos navegantes iria, de forma intensa, acentuar as leituras fantásticas e depreciativas acerca da África. Os temores sobre o Mar Oceano e acerca da região abaixo do Equador iriam alimentar as elaborações e representações dos europeus sobre os africanos. Monstros, terras inóspitas, seres humanos deformados, imoralidades, regiões e hábitos demoníacos iriam ser elementos constantes nas descrições de viajantes, aventureiros e missionários. [11].

---

[8] Oliva (2004) p.14

[9] BURNS; AZEVEDO e CARMINATI, 1996, p.26

[10] CORREIA, Stéphanie Caroline Boechat. **O Reino Do Congo E Os Miseráveis Do Mar: o congo, os sonhos e os holandeses no Atlântico 1600 -1650**. 2012. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói.

[11] OLIVA, 2004, p.13,14.

Isso nos leva a inferir que uma das razões pelas quais parte significativa da história de África sofreu grande influência negativa deve-se ao facto de ela ter sido escrita pelos colonizadores, sob a perspectiva do dominador e estrangeiro e não sob a perspectiva do dominado e nativo. Quando assim acontece, a tentação de se narrar a história sob uma visão ética e preconceituosa dos povos nativos é maior, enquanto deveria ser sob uma perspectiva êmica, isto é, dando ao povo o direito e a oportunidade de explicar e dar sentido às suas práticas culturais.

Parece que o que mais interessava aos europeus na África eram eles mesmos: a história do comércio e da diplomacia, da invasão e da conquista, fortemente infundidos com suposições sobre a superioridade racial que sustentou a dominação colonial. [12]

E, talvez seja em função desse interesse pessoal que fez com que nos escritos dos historiadores colonialistas, a África apareça sempre como “um pequeno apêndice, em um número reduzido de páginas, de extensas obras que tratavam da construção das histórias dos impérios europeus” [13]. Só a partir de finais do século XIX é que se começa a discutir a possibilidade de se fazer uma abordagem sobre a existência de uma história e identidade africana, porque nos séculos anteriores os historiadores consideravam a África como uma sociedade sem história.

Essa visão sobre África, como um continente sem história para contar ao mundo, levou inclusive, o filósofo Frederic Hegel a afirmar que,

A África não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Quer isto dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático. Aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da história do mundo. [14]

---

[12] FREUND apud OLIVA, 2004, p.21

[13] OLIVA, 2004, p.22

[14] HEGEL apud OLIVA, 2004, p.19

Muitos escritores seriam influenciados por esse parecer, de modo que, pensadores como H. Schurz, chegaram a comparar a “história das raças da Europa à vitalidade de um belo dia de sol, e a das raças da África a um pesadelo que logo se esquece ao acordar” [15]. Porém, o renomado professor da Universidade de Oxford, Sir Hugh Trevor-Hoper iria mais longe ao afirmar, em 1963, que,

Pode ser que, no futuro, haja uma história da África para ser ensinada. No presente, porém, ela não existe; o que existe é a história dos europeus na África. O resto são trevas [...], e as trevas não constituem tema de história [...] divertirmo-nos com o movimento sem interesse de tribos bárbaras nos confins pitorescos do mundo, mas que não exercem nenhuma influência em outras regiões. [16]

Todas essas falas estão baseadas na premissa segundo a qual a ausência de códigos escritos numa cultura pressupõe ausência de história e conseqüente inferioridade dessa cultura. Mas como já vimos acima, esse pensamento constitui uma falácia[17]. Na verdade, o preconceito existente sobre África e os africanos remonta a milênios. De ressaltar que o próprio nome África[18] é provavelmente, um termo que os europeus atribuíram a esse continente, especialmente para se referir aos povos que vivem na zona abaixo da linha equatorial, onde preponderam povos de pele negra. Oliva defende que,

[...] a cor negra, associada à escuridão e ao mal, remetia no inconsciente europeu, ao inferno e às criaturas das sombras. O Diabo, nos tratados de demonologia, nos contos moralistas e nas visões das feiticeiras perseguidas pela Inquisição, era, coincidentemente, quase sempre negro [...]. [19]

---

[15] SCHURZ apud OLIVA, 2004, p.19

[16] Ibidem

[17] Consulte-se ALTUNA, P. R. R. D. A. **Cultura Tradicional Banto**. 2ª. ed. Luanda: [s.n.], 1993. p.32-34.

[18] Consulte-se OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história da África em perspectiva**. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 – nº 16, Junho de 2004, p.12.

[19] Ibid., pg. 13,14.

O historiador Heródoto citado por Oliva [20] considerava a África como sendo “a mais remota das regiões habitadas”, e talvez os primeiros sinais de racismo encontrem sustentação na obra de Heródoto, na qual faz várias referências aos Etíopes, a ponto de sugerir que “se comparados a outros povos, como os gregos e egípcios[21], os etíopes seriam inferiores, bárbaros – sem civilização – e identificados como trogloditas.” [22]

Portanto, ideias como o calor intenso e insuportável, as deformações e incapacidades físicas causadas pelo clima e a crença de que abaixo da linha equatorial somente criaturas com sérias deformações poderiam sobreviver tiveram participação chave nas explicações dos teólogos e geógrafos medievais sobre o continente. [23]

Entretanto, além de todo esse imaginário associado à África, pesava também uma errônea interpretação bíblica, segundo a qual, os africanos teriam recebido uma maldição divina, e deveriam ser escravos e carrascos de outros povos. As referências do povoamento da Terra pós-dilúvio foram esse elemento integrante das visões de mundo que associava a África à um lugar de punição, pois é nela que Cam, o filho de Noé vai habitar. Essa crença ficou tão impregnada na consciência coletiva do ocidente, de tal modo que até o “ano mil”, as imagens sobre os africanos já estavam completamente tangidas pelo imaginário da cristandade.

Portanto, África era considerada como o continente perdido que precisava ser resgatado e civilizado enquanto se exploravam as suas riquezas. À luz desse quadro, os demais povos sentiam-se no direito de pisotear os africanos, escravizá-los, saqueá-los e fazer o que bem entendessem, pois, na visão deles, África estaria a pagar e experimentar a consequência da maldição divina, sendo estes povos, os instrumentos através dos quais Deus estaria a manifestar o seu castigo.

---

[20] OLIVA, 2004, p.12

[21] Observe-se que nesse contexto, a despeito do Egito ser parte de África ele é posto em oposição a África [negra] em função da coloração da pele.

[22] HERÓDOTO, apud OLIVA, 2004, p.12

[23] Consulte-se OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África em perspectiva. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 – nº 16, Junho de 2004. .

Um último elemento que faria parte na construção do imaginário ocidental sobre África viria a ser a teoria da Evolução sustentadas por Darwin, que sugeria que o negro africano seria menos evoluído em relação a “raça” branca.

Aos preconceitos anteriores, articulam-se, no século XIX, as crenças científicas, oriundas das concepções do darwinismo social e do determinismo racial, que alocaram os africanos nos últimos degraus da evolução das “raças” humanas. Infantis, primitivos, tribais, incapazes de aprender ou evoluir, os africanos deveriam receber a benfazeja ajuda europeia por meio das intervenções imperialistas no continente. [24]

É muito provável que essa teoria tenha sido a principal catalizadora da segregação racial na história da humanidade. E, segundo Frantz Fanon [25], o racismo constituiu a base fundamental para “a manutenção da dominação europeia sobre os demais povos, pois o europeu teria, no inconsciente da coletividade o que chamou de “complexo de autoridade”, isto é, a ideia de si mesmo como um tipo superior de homem.” Essa visão levou o ocidente a olhar o africano como um povo impotente que sem os “cuidado caridoso” do ocidente não sobreviveria. A teoria camita e a fusão da cartografia de Cláudio Ptolomeu com a cosmologia cristã relegaram a África e os africanos “às piores regiões da Terra.”

Portanto, todo esse imaginário influenciou os europeus a negar a possibilidade de ver os africanos como pessoas capazes de qualquer criação maior, tanto no campo da agricultura, das tecnologias, da arquitetura e da epistemologia. E, apesar das imponentes e complexas obras estatuárias (e não só), encontradas no continente africano, a afirmativa deveria ser mantida.

---

[24] OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história da África em perspectiva**. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 – nº 16, Junho de 2004. p. 17.

[25] apud ALVES, 2015, p. 36

Os europeus se esforçaram para encontrar explicações sobre o que passaram a encontrar no continente, explicando por exemplo, que as obras imponentes encontradas em África eram “frutos de interferências de outras civilizações na África negra, e não criação africana” [26], ou no mínimo, eram apenas uma cópia inferior das obras produzidas em outros lugares. Resumidamente, “o protagonismo histórico negro, quando não negado ou ignorado, foi distorcido [...]”[27] Todavia, não podemos esquecer ou desconsiderar a história de África, pois, ela é, como diz Oliva [28], a região do mundo de mais longa historicidade, e foi palco de diversificadas experiências sociais e múltiplos fenômenos culturais.

### **REPERCUSÕES DA COLONIZAÇÃO NA IGREJA AFRICANA**

A colonização trouxe sérias consequências no pensamento e na autoestima dos africanos. Ela se efetivou durante quase 5 séculos como já dissemos, e produziu na consciência coletiva dos africanos um sentimento de autoexclusão depreciativa, de complexos de inferioridade. É quase uma herança genética. Muitos africanos têm sérias dificuldades de se enxergar como seres humanos capazes de realizar coisas grandiosas, porque foram acostumados a ouvir repetidas vezes o que chamamos de discurso da impotência africana. Essa realidade é extensiva em todas as esferas, quer social, quer política, quer cultural e religiosa. No âmbito religioso, a igreja africana foi influenciada não só a adotar – por imposição – práticas culturais e eclesiásticas dos missionários pioneiros, mas também, a depreciar certas práticas culturais que lhes eram características. De acordo com Nascimento [29], o modelo de missão que predomina, principalmente no mundo evangélico, continua reproduzindo a mesma lógica colonialista eurocêntrica de dominação, que em sua abordagem verticalista reforça a negação da identidade do outro e o reduz a objeto.

---

[26] OLIVA, 2004, p.20

[27] PROENÇA; Paulo Sergio de. Horizonte, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1663-1668, set./dez. 2019 – ISSN 2175-5841. Resenha de sobre o livro de CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

[28] OLIVA, 2004, p.18.

[29] NASCIMENTO, 2015, p.12

Por isso, muitos africanos leem dezenas de vezes suas bíblias mas talvez nunca tenham conseguido enxergar nela o “lado bom de África” porque foram acostumados a lê-la sob a perspectiva ocidental, e sempre que tal acontece, África é vista como o lugar das desgraças.

A maioria dos missionários ocidentais em solo africano não souberam diferenciar a sua cultura da doutrina bíblica, pelo contrário, impuseram suas crenças como verdade absoluta e encontraram uma forma de embasá-las na Bíblia mesmo que de modo descontextualizado. Não se pretende inferir – de modo nenhum – que todas as práticas da cultura europeia sejam antibíblicas, mas que nem tudo que é da cultura europeia faz sentido no contexto africano. O fato é que muitas práticas culturais africanas foram interpretadas como antibíblicas quando na verdade eram apenas antieuropeias. Essa rejeição da cultura africana trouxe muitos prejuízos, pois, ignorou-se completamente a identidade de um povo e o facto de que Deus é também o criador da diversidade cultural.

A verdade é que o cristianismo em toda a sua história incorporou práticas de outras culturas, mas quando chegamos no contexto africano parece que rejeitamos a associação dos aspectos da cultura africana como sendo erradas. Porque infelizmente os primeiros missionários e colonizadores não consideraram que em todas as culturas existem elementos positivos, negativos e neutros. Ao invés disso, diabolizaram quase tudo que era de origem africana e divinizaram as práticas culturais ocidentais.

Lamentavelmente, a igreja na África hoje ainda é fortemente influenciada por modelos trazidos do exterior. E, enquanto a igreja africana continuar reproduzindo um paradigma missionário ocidental, a prática missionária que predomina em nosso meio estará fadada a cometer os mesmos erros que a igreja no ocidente cometeu. Pois, como sabemos, a grande tendência ocidental é de padronizar como devem ser as igrejas em todos os contextos sem se dissociar do seu padrão.

Isso, além de não funcionar, é contra a Bíblia que respeita a diversidade cultural. Como diz Nascimento, [30], “a intransigência, a uniformização e o dogmatismo são manifestações do modelo medieval que herdamos e ainda influencia o nosso modo de pensar.” Há, portanto, uma necessidade de a igreja africana se desprender de certas práticas missionárias herdadas no processo da colonização, como a tendência de modelar as novas congregações às características das chamadas “Igrejas-mãe”, de perpetuar a dependência ou parasitismo das novas congregações à “Igreja-mãe” até que esta a considere como autónoma. Essa autonomia precisa ser reconhecida desde o momento da organização da comunidade, tendo esta a liberdade de escolher os programas que melhor se adequem à sua realidade. A igreja africana precisa, também, evitar depreciar a sua cultura local antes de fazer uma profunda reflexão sobre a Bíblia e sua cultura para confrontar se a mesma deturpa os princípios norteadores da Palavra de Deus.

Mesmo sem um estudo aprofundado, tem se observado que em África as igrejas com o maior índice de crescimento parecem ser aquelas que se identificam mais com as culturas africanas do que aquelas que estão empenhadas apenas em diabolizar e rejeitar muitos aspectos socioculturais do continente berço. Porque o entendimento atual de muitos cristãos africanos é de que o que deve ser negado na cultura africana não são os aspectos que são considerados negativos do ponto de vista da visão ocidental, mas os que são negativos do ponto de vista bíblico. O contexto africano tem muitas perguntas que a teologia ocidental não responde, ou pelo menos não responde satisfatoriamente, e a relevância de qualquer teologia está no facto de ela dar respostas satisfatórias às perguntas que o contexto levanta.

---

[30] NASCIMENTO, 2015, p.25.

## A BUSCA POR DESCOLONIZAÇÃO TEOLÓGICO-MISSIONAL NA IGREJA AFRICANA

A Igreja Africana aos poucos começa a entender que precisa ler a Bíblia com lentes africanas, e para que tal aconteça é necessário descolonizar o pensamento africano. A igreja africana precisa começar a “pensar a partir do Hemisfério Sul, aceitando o desafio de trabalhar de uma forma contra-hegemônica, que consiga superar a matriz dominante” (NASCIMENTO, 2015, p.24). Ela precisa rever muitos dos seus conceitos, como o casamento por exemplo, pois, muitas igrejas ainda não reconhecem como legítimos e legais práticas como o “Alambamento”[1], que é o casamento original da cultura africana e que tem paralelo com o casamento bíblico. Os estilos e instrumentos musicais precisam ser reavaliados, pois os de produção africana ainda são vistos com suspeitas e muitas vezes associados à práticas de feitiçaria e misticismo, enquanto que os instrumentos e estilos musicais de origem estrangeiras são sacralizados. Outros desafios do contexto africano que a igreja precisa refletir a respeito são, por exemplo, a questão do feitiço, da tala[2], do misticismo, do casamento e da poligamia, do tribalismo, da pobreza extrema e da desigualdade social, das guerras civis e étnicas e da ancestralidade e espiritualidade africana, só para citar alguns.

Por outro lado, é preciso que o ocidente reconheça que a religiosidade africana “não é (necessariamente) antibíblica, nem culturalmente inferior, pois a África não está e nunca esteve em trevas.”[34] Deus sempre esteve em África e o povo africano sempre se relacionou com Ele à sua maneira.

---

[31] NASCIMENTO, 2015, p.24.

[32] O Alambamento é considerado como casamento original dentro da cultura angolana, onde as famílias do noivo levam os dotes à família da noiva para que estes formem uma nova família.

[33] A “Tala” é uma espécie de “mina tradicional” cuja medicina convencional não consegue dar respostas. À menos que o paciente que acionou na “Tala” seja tratado por um naturopata ou curandeiro, as chances de recuperação é quase nula.

[34] PROENÇA; Paulo Sergio de. Horizonte, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1663-1668, set./dez. 2019 – ISSN 2175-5841. Resenha de sobre o livro de CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

O ocidente precisa reconhecer a importância da voz autóctone e admitir que “o reconhecimento da diversidade/pluralidade é fundamental no diálogo intercultural...” [35]. Ao invés de normatizarem o que os africanos devem fazer, devem antes “saber o porquê” que eles fazem do jeito que fazem, porquê que cantam, dançam, oram, ofertam, etc. de tal maneira. E, quando se faz uma análise despreconceituosa a respeito de muitas práticas africanas descobre-se muitos paralelos com a Bíblia. Por isso, muitos há que defendem que “o cristianismo genuíno não é incompatível com as culturas africanas; ele também é parte da herança que os africanos legaram à humanidade.”[36]

Além de ser bíblica, a igreja em África precisa ser uma igreja africana e não uma igreja ocidental em África. Isso não significa rejeitar tudo que é ocidental, e nem aceitar tudo que é africano, mas filtrar sob a peneira da Palavra de Deus o que deve ser aceito, o que deve ser ressignificado e o que deve ser efetivamente rejeitado, quer seja da cultura ocidental, quer seja da cultura africana. A relevância da igreja local estará no facto de ela saber dar respostas satisfatórias às perguntas do seu entorno, para tal, as suas práticas missionárias não podem e nem devem estar dissociadas da sua realidade.

Segundo Akins [37] a ação missionária deve ser feita baseada “na Bíblia e na cultura do próprio país, e não na cultura de outros países. Também, não pode ser baseada nas tradições religiosas de uma cultura. De acordo com as características da Igreja neotestamentária, toda igreja deve ser “auto-governada, auto-sustentada e auto-propagadora, sob liderança de Deus”. [38]

---

[35] NASCIMENTO, 2015, p.24.

[36] Ibid, p.167

[37] AKINS, 2007, P. 18.

[38] Ibid, p.45.

Paul Hiebert emerge com o que chamaríamos de o “quarto princípio da autonomia da igreja” – o princípio da autoteologia. Segundo Hiebert [39] a autoteologia é um princípio que “reconhece que os cristãos precisam desenvolver teologias que tornem o evangelho claro em suas diferentes culturas”.

A[...] a maioria dos movimentos missionários tem provocado crises teológicas. Depois de três ou quatro gerações de uma igreja implantada numa nova cultura, surgem os teólogos locais que lutam com a questão de como o evangelho se relaciona com suas tradições culturais. E isso força os teólogos locais a desenvolverem novas teologias contextuais. [40]

David Bosch aponta para o esgotamento do paradigma ocidental defendendo que durante séculos, a teologia ocidental e as formas e práticas eclesiais ocidentais foram normativas e incontestes, inclusive nos “campos de missão”.

Hoje a situação é fundamentalmente distinta. As igrejas jovens recusam-se a se submeter a ditames e estão valorizando muito a sua “autonomia”. Além disso, a teologia ocidental atualmente é suspeita em muitas partes do mundo. Ela é muitas vezes tida como irrelevante, especulativa e produto de instituições que vivem numa torre de marfim. Em muitas partes do mundo está sendo substituída por teologias do Terceiro Mundo: teologia da libertação, teologia negra, teologia contextual, teologia minjung, teologia africana, teologia asiática e outras semelhantes. [41]

Essa crise contemporânea do modelo ocidental foi, em parte, causada pelo que Bosch denomina “motivos impuros”[42] como: a) o motivo imperialista (tornar os “nativos” sujeitos dóceis de autoridades coloniais); b) o motivo cultural (“missão” como a transferência da cultura “superior” do missionário); c) o motivo romântico (o desejo de ir a países e povos distantes e exóticos); e d) o motivo do colonialismo eclesial (o anseio de exportar nossa própria confissão e ordem eclesial a outros territórios).

---

[39] HIEBERT, 2014, p.217

[40] Ibid, p. 197.

[41] BOSCH, **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2009 p.20.

[42] Ibid, p.21.

Em função desses motivos inadequados, “as igrejas jovens “plantadas” nos “campos da missão” se tornaram réplicas das igrejas da “frente doméstica” da agência missionária, “abençoadas” com toda a parafernália dessas igrejas, “incluindo tudo, desde harmônios até arquidiaconos.”[43] Essa espécie de parasitismo eclesiástico eurocêntrico, continua a se reproduzir na relação paternalista das igrejas e suas congregações.

Tim Keller também reconhece a necessidade de refletirmos profundamente sobre a nossa teologia e sobre a nossa cultura para compreender como as duas podem moldar o nosso ministério. Isso nos leva a escolher melhor dentre os métodos já existentes de ministérios ou desenvolver outros mais promissores. Isso evitará com que os líderes adotem programas e práticas ministeriais inadequadas tanto às suas crenças doutrinárias quanto ao seu contexto cultural. [44]

[...] os modelos missiológicos que adotamos devem resultar de forma natural, de uma reflexão sobre o evangelho e sobre os aspectos singulares da cultura ao redor. Para tal, o líder missionário deve estar dotado de uma correta visão teológica, que será aplicada ao que ele fará com sua doutrina em um tempo e em um lugar específico. [45]

Para se evitar os erros cometidos pelos missionários pioneiros em relação às práticas culturais autótonas, o missionário precisa, segundo Burns, Azevedo e Carminati

[...] conhecer profundamente a Bíblia e o que a Bíblia realmente ensina sobre tais coisas. Ele tem de conhecer também a sua própria cultura para poder compreender as razões básicas das suas próprias reações e pensamentos. Além disso, ele tem de conhecer de maneira “êmica” (de dentro da cultura – não de fora) a cultura dentro da qual vai trabalhar, para poder transmitir o verdadeiro ensino da Palavra de Deus, separando-o das práticas da sua própria cultura. Temos de levar a Palavra do Senhor para os povos, não a nossa cultura e nossos costumes. [46]

---

[43] BOSCH, **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2009 p.21.

[44] KELLER, 2009, p.20

[45] Ibid, p.21

[46] CARMINATI, 1996, p.28, 29.

Sem dúvidas, o evangelho propõe mudanças para todas as culturas, e “uma teologia verdadeiramente autóctone deve não só reforçar os valores positivos da cultura na qual está sendo formulada, mas também deve desafiar aqueles aspectos que expressam as forças demoníacas e desumanizadoras do pecado”. [47]

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presença ocidental em África trouxe contribuições significativas para o povo do continente, mas também deixou marcas de dominação que causaram estragos consideráveis na cultura e na população em geral especialmente com o tipo de colonização imposta aos povos autóctones. Há uma necessidade de a igreja africana agora olhar para o seu contexto e não ignorar mais as perguntas que ele levanta. As manifestações da cultura africana podem ser melhor explicadas e ressignificadas se buscarmos por uma prática missional que coloca a Bíblia em diálogo com a cultura local.

As manifestações da cultura africana podem ser melhor explicadas e ressignificadas se buscarmos por uma prática missional que coloca a Bíblia em diálogo com a cultura local. Os teólogos africanos são desafiados a articularem fóruns de reflexões missiológicas e antropológicas e, criar instituições de ensino teológico com currículos que considerem e valorizem o contexto local, produzir literaturas que visam desconstruir falsas concepções e dar respostas aos problemas socioculturais locais.

A igreja de Cristo é chamada a fomentar um estilo de vida pacífica interétnica e a compreender e enxergar a pluralidade étnica ou racial como expressão da beleza da criação divina.

---

[47] HIEBERT, 2014, p.56.

A igreja de Cristo precisa ser a voz que vive e proclama que todas as tribos, línguas, etnias, povos e nações são obras da criação divina, têm o mesmo valor e devem ser apreciadas juntamente com a sua cultura; sabendo que tais culturas têm uma razão de ser e o evangelho é suficiente para purificá-las nos aspectos que mancham a beleza da criação. Temos esperança que muitos aspectos positivos da cultura africana que foram solapados pelo processo da colonização, podem ainda ser resgatados! Quanto aos aspectos negativos da cultura africana, reconhecemos que o poder de Deus e do Evangelho é suficiente para transformar e purificar a cultura.

A igreja africana é chamada a rever sua história e resolver os problemas que ninguém pode resolver por ela. Ela precisa ser a voz da igualdade e equidade num contexto de segregação e desigualdade social. Ela precisa ser não só o lugar da unidade, mas também o lugar da pluralidade num contexto de exclusão e uniformidade. Acima de tudo, a igreja africana precisa reconhecer que Deus está restaurando toda a criação e as culturas também são partes da criação. Deus não é apenas Deus nas culturas, ele é também o Deus das culturas e da diversidade.

[Depois dessas coisas, vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e na presença do Cordeiro, todos vestidos com túnicas brancas e segurando palmas nas mãos; e clamavam em voz alta: Salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro. (Apocalipse 7.9,10) [48]

---

[48] Bíblia Almeida Século XXI

## REFERÊNCIAS

AKINS, Thomas W. **Evangélico Pioneiro**: implantação de novas igrejas auto-suficientes usando métodos do novo testamento. Rio de Janeiro: JMN da CBB, 11ª ed, 2007.

ALTUNA, P. R. R. D. A. **Cultura Tradicional Banto**. 2ª. ed. Luanda: [s.n.], 1993.

ALVES, Amanda Palomo. **Angola Segue em Frente**: um panorama do cenário musical de Angola entre as décadas de 1940 a 1970. 2015. Tese (Doutoramento em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói. Disponível em: < <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1773.pdf> >. Acesso em 19 jul. 2023.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

BURNS, B.; AZEVEDO, D. D.; CARMINATI, P. B. F. D. **Costumes e Culturas**: uma introdução à antropologia missionária. 3ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 1996.

CAREGNATO, Lucas. **Em Terras do Ngola e do Manikongo**: descrição dos reinos do kongo e ndongo no século XV. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, Julho 2011.

CORREIA, Stéphanie Caroline Boechat. **O Reino Do Congo E Os Miseráveis Do Mar**: o congo, os sonhos e os holandeses no Atlântico 1600 -1650. 2012. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

PROENÇA, Paulo Sergio de. HORIZONTE, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1663-1668, set./dez. 2019 – ISSN 2175-5841. Resenha sobre o livro de CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu**: o curandeiro e o Novo Testamento. Belo Horizonte: Nandyala, 2018

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização**: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

ODEN, Tomas C. **Quão Africano é o Cristianismo?** São Paulo: Ed. Quitanda, 2022.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história da África em perspectiva**. Ensaio publicado na Revista Múltipla, vol. 10 – nº 16, Junho de 2004.

---

Texto recebido em 03.10.2023 e aprovado em 05.12.2023